

Other universities

From the Selected Works of Paulo Ferreira da Cunha

December 17, 2014

Breve Sociologia da Integração Social

Paulo Ferreira da Cunha, *Universidade do Porto*



SELECTEDWORKS™

Available at: <http://works.bepress.com/pfc/219/>

BREVE SOCIOLOGIA DA INTEGRAÇÃO SOCIAL

Os Brioques de Maria Antonieta

A nossa orientação no Mundo está a mudar muito. Nem nos damos conta do quanto. É uma das revoluções mais importantes, da qual tudo dependerá no futuro.

A nossa exposição a uma comunicação social muito diferente da que tivemos desde sempre (mais técnica, menos técnica...) é uma das grandes responsáveis por essa grande mutação.

Antes, no clássico séc. XIX e ainda no séc. XX, lia-se o jornal X se se era da banda x, ou o Y se se simpatizava com o grupo y, etc. Hoje, não haverá muitas televisões que alinhem por várias correntes, e mesmo a imprensa falada e escrita entraram num padrão comum que permite a expressão da vera diversidade apenas muito marginalmente. Já cheguei a ler um certo jornal só por causa de um colunista. Melhor: só lia a coluna dele nesse jornal. Esperemos que as coisas mudem.

Há muito menos pluralismo, e o pano de fundo é a *teologia de mercado*, a tecnocracia, o *There is no alternative* (TINA). Com uma ou outra exceção, vinda sobretudo do lado de colunistas, que também são muito estáveis.

Mais que esse aspeto de uniformização e de *oficialização* da comunicação social (muita gente volta a citar o simples facto de algo "vir nela" para ser verdade...), está o palco, o tempo de antena, a voz que se dá a opinadores que só o são pelo seu dinheiro ou posição. E que, curiosamente, falam de forma *politicamente incorreta*.

Se fosse apenas isso, seria uma lufada de ar fresco. Mas não: esta incorreção política é-o apenas no sentido de que quebram o decoro convencional relativamente aos grandes consensos sociais.

Ou seja, não dizem que *o rei vai nu* em muitas das modernices importadas que lidam com problemas alheios e dão transplantes bizarros. Não: vão ao cerne daquilo em que as pessoas normais (pobres e remediadas) acreditam, e viram tudo de pernas para o ar. São uma espécie de discurso da realidade paralela.

Antes deles, só Maria Antonieta, dizendo que, se o Povo não tinha pão, comesse brioques.

Esse choque de pseudo-realidade pode causar danos graves na forma como encaramos o real, pela crença desmedida de que, como dizia o Rei D. Carlos, a "opinião pública é a opinião que se publica".

As pessoas não avisadas e prudentes deixam-se levar pelos novos brioches, as novas sumidades promovidas pelos dos mesmos círculos, as teses abstrusas que avançam, todas contra a Constituição, o Estado social, a possibilidade de uma vida digna por parte dos pobres. Por exemplo, nos EUA já se crucifica o Papa Francisco porque seria "comunista". Pasmese!

Como a Escola não prepara criticamente (apesar de haver professores resistentes), nem a comunicação, como se vê, há novas gerações indefesas.

Em alguns anos poderemos todos achar placidamente o exato contrário da realidade, decorado com uns ademanos de pseudo-*glamour*...

Sina de "Dizer Não"

Cada tempo e lugar tem os seus próprios tabus, sacrilégios, lugares comuns, interditos, e portanto os seus próprios integrados e marginais e marginalizados. Em todas as sociedades, ser direitinho e certinho é dizer "amen" com a *mó de cima*. Em qualquer nível (mesmo as pequeninas mós de baixo não deixam de ter mós de cima).

Há os que escolhem ser do contra. E nisso estão no seu direito. Mas há pior. Há também os que não conseguem deixar de sê-lo, porque não se conseguiram desembaraçar da sua consciência. Como gostariam alguns destes últimos de poder aplaudir! Como isso lhes traria, finalmente, alguma paz...

Se um dia ainda vislumbram uma esperança, logo o pensamento crítico, arma da consciência, lhes faz notar os calcanhares de Aquiles.

Não são eternos descontentes, como alguns integradíssimos os estigmatizam. Até se contentariam com bem pouco. São eternos vigilantes, e devemos preservá-los porque, sem eles, seríamos todos um rebanho dócil.

A grande libertadora e integradora no sentido positivo é a Educação a sério. Para todos, mesmo. Por exemplo, lembro-me bem como a investigadora de origem chinesa Anne Cheng elogiou no *Collège de France* a escola republicana que lhe permitiu estudar e singrar.

Em regra, os privilegiados não se apercebem da injustiça e da tortura que é alguém ter qualidades, vocação, querer estudar e não poder, por falta de dinheiro. Hoje até docentes têm dificuldade em estudar, tantas as suas funções adventícias. Mas pior é querer estudar e ter que trabalhar só para sobreviver. É triste, revoltante.

Urge reivindicar o direito a estudar. E não deixar que vagas e bolsas vão para quem não quer estudar, não tem vocação ou capacidade. Meros diletantes não mais podem usufruir do que deveria ser para quem merece.

Há mal entendidos sobre a função da Escola. Não se vai à Universidade aprender um saco de técnicas para ser rico, poderoso e famoso. Visa-se aí o enriquecimento espiritual e cultural no convívio com o espírito universitário. Pela sabedoria, prudência, ilustração, moderação, e conhecimento, estar-se-á habilitado ao trato humano, não ao serviço da técnica sem alma, ou do nu poder.

Paulo Ferreira da Cunha